

O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UM ESFORÇO DE DEFINIÇÃO*

Rhalf Magalhães Braga**

RESUMO:

Desde o seu surgimento como ciência moderna, a Geografia enfrenta problemas epistemológicos e conceituais. É o caso da definição do seu objeto de estudo: o espaço geográfico. Apesar dos avanços dos últimos anos, ainda há discordâncias teóricas a esse respeito. Assim, este texto tem por objetivo comentar alguns esforços de definição do conceito de espaço geográfico e ao final propomos o nosso próprio conceito. Entendemos que o espaço geográfico é o resultado contínuo das relações sócio-espaciais e tais relações são econômicas (relação sociedade-espaço mediatizada pelo trabalho), políticas (relação sociedade-Estado ou entre Estados-Nação) e simbólico-culturais (relação sociedade-espaço via linguagem e imaginário).

PALAVRAS-CHAVE:

Geografia; Epistemologia; Espaço Geográfico; Relação Sociedade-Natureza; Relações Sócio-Espaciais.

ABSTRACT:

Since the beginning as a modern science, Geography faces epistemological and conceptual problems. It's the case of the definition of its study object: the geographical space. Unlike the recent theory advances, still exists doubts about it. So, the purpose of this text is to comment some tries to define geographical space and, in the end, propose our own concept. We understand that geographical space is the continuous result of social-spatial relations and these relations are economical (society-space relation through work), political (society-State relation or relations between National States) and cultural/symbolic (society-space relation through language and imaginary).

KEY WORDS:

Geography; Epistemology; Geographical Space; Society-Nature Relation; Social-Spatial Relations.

"Esses homens [Humboldt e Ritter] fundaram a Geografia, mas deixaram sem solução, necessariamente, muitos de seus problemas essenciais".
(WOOLDRIDGE & GORDON EAST, 1967, p. 24).

"Destemporalizando o espaço e desumanizando-o, a geografia acabou dando as costas ao seu objeto e terminou sendo uma 'viúva do espaço'.
(SANTOS, 2002, p. 119).

Introdução

As citações dos geógrafos britânicos e professores da Universidade de Londres Wooldridge e Gordon East e do renomado geógrafo brasileiro Milton Santos sinalizam a crise epistemológica da Geografia, que acabou por marginalizar o seu objeto, o espaço geográfico. É claro que o contexto atual é diferente, muitos avanços teóricos foram realizados, e a própria obra de Milton Santos é um bom exemplo disso. Contudo, aquilo que o geógrafo francês Yves Lacoste nomeou uma vez de "geografia da crise" ainda atormenta a Geografia.

*O presente artigo é fruto de trabalho final para a disciplina "Epistemologia do Pensamento Geográfico" ministrada pelo professor Ruy Moreira para o Mestrado em Geografia da UFF. Segundo semestre de 2004.

**Mestre em Geografia pela UFF (Universidade Federal Fluminense). E-mail: rhalfbraga@yahoo.com.br.

Neste modo, o presente artigo tem como objetivo efetuar uma releitura a partir de autores de diversas correntes do pensamento geográfico e colher elementos para a construção de um conceito de espaço geográfico. Com isso temos um propósito duplo: mostrar que a Geografia e o espaço geográfico não são apenas passíveis de classificação e descrição, mas também podem ser construídos e modificados, até mesmo (e inclusive) por nós pesquisadores que fazemos parte dele; e nos permitir fazer uma viagem teórica a fim de conceituar o espaço geográfico. O ecletismo teórico é fonte de riqueza e auxílio fundamental para a discussão teórica e não apenas campo para classificações para determinadas tendências. Contudo, a escolha por um caminho definido é um imperativo, para que não se caia no perigo de ser "teóricos da moda" ou de formar uma "colcha de retalhos" (SANTOS, 2002). Partimos da premissa de que a Geografia estuda o espaço geográfico e os trabalhos dos autores aqui referidos versam sobre este que entendemos ser o objeto da Geografia.

Alguns esforços de definição do espaço geográfico

O percurso teórico a ser esboçado aqui instrumentar-nos-á para a elaboração de um conceito de espaço geográfico. Tal conceito não negará as perspectivas anteriores, mas as complementarará, mostrando o que ficou escamoteado ou não tão explícito. Perceber-se-á que muitos pontos destacados de autores diferentes apresentam certo grau de semelhança. Isso em função da herança da geografia alemã e da geografia francesa, além de outras ciências como a sociologia e a história e do legado da filosofia ocidental. Entendemos que a Geografia Humana não é dicotômica com relação à Geografia Física (como quer Kant), pois pensamos um espaço da sociedade, uma vez que o homem não age sozinho no mundo.

Para VIDAL DE LA BLACHE (s/d), a Geografia Humana abarca os aspectos físicos e humanos, mas que podem ser estudados de

forma separada. O homem (fator geográfico de primeira ordem) domina a natureza e é dominado por ela. Existe uma luta entre o homem e a natureza, esta possuindo uma dinâmica própria que influencia aquele. A Terra seria palco da ação do homem, mas dotada de vida. A ação do homem seria contingente, ou seja, ele escolheria onde, quando e como agir e possuiria várias possibilidades. A Geografia compreende o conjunto da Terra (superfície terrestre¹) (VIDAL DE LA BLACHE, 1982). O meio é entendido como local onde coabita o diverso e seria sinônimo de adaptação (VIDAL DE LA BLACHE, 1982). A Geografia estuda os lugares, não os homens. O estudo das paisagens (que formam uma região) é feito pelo método descritivo, em que se define, se classifica e se deduz. Falar em homem significa falar em população em movimento (já que o homem não age sozinho no meio), indicando uma divisão do trabalho. O homem transforma o meio através da técnica que tende a fixá-lo ou enraizá-lo no ambiente. A cultura (modo de vida) é vista como enraizamento ambiental que forma um território. O espaço seria essa coabitação de homem e natureza e é prenhe de intencionalidade (já que depende da vontade do homem).

Tal linha de raciocínio influenciou toda uma gama de autores posteriores, como Jean Brunhes, Albert Demangeon, Max Sorre, Pierre George, Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Milton Santos, entre outros que serão mencionados mais adiante. A nossa principal crítica ao pensamento de La Blache é em relação ao objeto de estudo da Geografia, que seria identificado como a "ciência dos lugares". Sendo assim, quem produz os lugares? Não seria o homem agindo em coletividade e através da técnica? Ou seja, a resposta para a nossa crítica estaria presente em seu próprio pensamento.

BRUNHES (s/d) também ressalta que a Geografia deve estudar os lugares, as regiões e suas relações. Além da ação do homem no meio, ele destaca quatro forças que atuam no planeta e formam um todo ordenado e harmônico: as forças interiores da Terra, o calor

solar (que seria a base de tudo, a força principal), as forças ligadas aos movimentos atmosféricos e a atração centrípeta do peso ("força sábia da Terra"). Os princípios básicos da Geografia seriam a atividade (assim como La Blache destaca o movimento) e a conexão, que fornece o sentido dos lugares e das regiões. A evolução da paisagem terrestre seria feita por um movimento duplo de construção e reconstrução, necessário para a manutenção da harmonia. Para ele a Geografia estudaria o que chama de "fatos essenciais": simples (ligados às necessidades vitais do ser humano como a alimentação, habitação e etc.); complicados (exploração dos recursos terrestres superficiais como a lavoura ou internos como a mineração); regras do convívio social (campo econômico e social, com destaque para a regulação e o papel do Estado); e os fatos essenciais ligados à cultura (relação homem/meio e formação do *habitat*). A interação desses fatos essenciais conformaria a organização do espaço, entendido como comunhão entre o convívio social e o meio através do trabalho e das trocas.

SANTOS (2002, p. 53-56) mostra que tanto Vidal de La Blache quanto Jean Brunhes absorveram elementos do marxismo. La Blache o faz ao tratar das relações unitárias entre homem e natureza, uma natureza já humanizada e os objetos fabricados pelo trabalho humano modificando a natureza. Brunhes utilizaria um "marxismo positivista" ao definir os fatos geográficos em produtivos, improdutivos e destrutivos.

SORRE (1967) entende a Geografia Humana como "descrição do ecúmeno" ou "descrição científica das paisagens humanas e sua distribuição pelo Globo". É a disciplina dos "espaços terrestres". Significa estudar os grupos humanos vivos, sua organização espacial, seu movimento, suas técnicas (técnica entendida como "alto grau de desenvolvimento mental"), a relação do homem com o meio (uma ecologia do homem com enfoque espacial) e a formação dos gêneros de vida. O método consistiria em descrever a paisagem, incorporando também uma ferramenta

importante que é a imaginação. É necessário recorrer às outras ciências no que for necessário. O espaço é visto como localização (através dos mapas) e extensão. Sorre chega ao ponto de afirmar, como H. Baulig, que a Geografia é um mero ponto de vista.

GEORGE (s/d) segue a mesma linha, dizendo que a Geografia estuda "a dinâmica do espaço humanizado" através da técnica, da intencionalidade (possibilidades da ação humana) e das relações entre as forças naturais e as forças "históricas". Tratar-se-ia do estudo das relações entre os grupos humanos e o ecúmeno. Ressalta que o importante é a análise da diferença dos lugares e não a sua unidade. Ao assumir tal posicionamento, Pierre George se aproxima de R. Hartshorne, para quem o objeto da Geografia é a "diferenciação de áreas".

DEMANGEON (1982) afirma que a Geografia Humana estuda a "relação dos grupos humanos com o meio geográfico", através dos modos de vida, sua evolução, sua distribuição e as instituições humanas. O método está calcado nas possibilidades de ação humana, sua base territorial (território entendido como solo – uma visão ratzeliana), partindo da escala regional para a escala geral e promovendo sempre um diálogo com a História (entendida como passado).

Dois dos fundadores da Geografia brasileira institucionalizada, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, seguindo a matriz francesa e o arcabouço teórico de La Blache, assim comentam sobre o objeto da Geografia Humana: DEFFONTAINES (1952) defende que a Geografia Humana estuda o homem como "fabricante de paisagens", além do efetivo humano e seu acréscimo, o *habitat* ("a casa revela o homem"), as formas de povoamento, as regiões (entendidas como unidades de paisagens), o combate do homem com o meio físico, os gêneros de vida, os regimes de organização do trabalho, os regimes de alimentação, entre outros temas. MONBEIG (1957) prega que a Geografia estuda "os fatos geográficos, sua localização e interação", em outras palavras os

"complexos geográficos" revelados pela paisagem. O estudo perpassa não só a descrição como também a explicação das paisagens e o ponto de partida da análise é o homem. Ressalta o papel da técnica e a organização do espaço, este entendido como fruto do trabalho humano na produção da paisagem. Destaca a importância dos gêneros de vida também como "modo de pensar" a Geografia, de modo a torná-la uma ciência mais atrativa fora do seu campo disciplinar.

O geógrafo norte-americano HARTSHORNE (1978) afirma que a Geografia estuda o caráter variável das áreas e todos os seus aspectos inter-relacionados em conjunto. Fornece três definições para o objeto da Geografia: "A Geografia tem por objetivo proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da Terra"; "A Geografia é a disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da terra, de lugar a lugar, como o mundo do homem" e a Geografia é o "estudo que busca proporcionar a descrição científica da terra como o mundo do homem". A integração entre os fenômenos é fornecida pela heterogeneidade das áreas e sua evolução. O autor não vê dicotomia entre os fatores humanos e os fatores naturais, mas a primazia deve ser dada ao homem. Seguindo a tradição da Geografia francesa, Hartshorne considera que a região (homogênea) fornece a unidade para os estudos geográficos. Não se pode perder de vista, além da região, os "fatos gerais", ou seja, a conexão com o todo. Para ele a Geografia faz parte das ciências corológicas (ou do espaço), junto com a Astronomia e a Geofísica, posição semelhante a Hettner². Por fim, defende Hartshorne, devemos fazer Geografia e não discuti-la.

Em uma perspectiva mais voltada para o aspecto cultural-simbólico, Paul Claval e Yi-Fu Tuan são de fundamental relevância. O geógrafo francês CLAVAL (1999) mostra que a cultura é herança da comunicação, com papel fundamental da palavra, que transforma o espaço cultural em espaço simbólico. Seria a

mediação sociedade-natureza através das técnicas e deve sempre ser tomada como uma construção. A cultura é a ordem do simbólico. O espaço é onde ocorrem as manifestações. O geógrafo chinês TUAN (1980) adota uma abordagem mais voltada para o comportamento e a percepção. Esta estaria relacionada não só aos nossos sentidos, mas também à nossa visão de mundo, à nossa cultura (herança em comunhão com os nossos sentidos). Para Tuan, a percepção já é em si geográfica, pois permite a espacialização do mundo e a classificação dos fenômenos (espaço como *a priori* de Kant?). O relacionamento do homem com o mundo, antes do século XVI, era vertical, ou seja, voltado para o cosmos e baseado nos mitos. Posteriormente, com o avanço da ciência, a relação eu/mundo passa a ser predominantemente horizontal, dessacralizada e voltada para a paisagem. O espaço seria essa harmonia entre eu/mundo, entre esses dois pares.

SANTOS (2002, 91-97) critica a Geografia da Percepção e do Comportamento, pois esta vertente confunde percepção individual com conhecimento; a apreensão simples da coisa, em seus aspectos externos, nos fornece o que ele apresenta e não o que ele representa; a sociedade total, a dimensão do trabalho e da produção não são consideradas, ou seja, apenas a percepção individual é valorizada.

O geógrafo inglês HARVEY (2001) tenta mostrar em seu trabalho as semelhanças e diferenças entre a modernidade e a pós-modernidade e quais as relações com o espaço. Na modernidade predomina a lógica do mercado e um ideal de progresso, com o controle cronológico do tempo (é o "projeto da modernidade" de Habermas). Na pós-modernidade o que a caracteriza é a crise dos valores herdados da modernidade, crise das essências eternas (História, metafísica), da velha acumulação de valor (fordismo) e emergência do que chama de "acumulação flexível" e valorização do efêmero, do fugidio. Haveria, portanto, uma nova experiência espaço-temporal, uma *compressão tempo-*

espaço, em que estes dois conceitos não podem ser separados. O espaço é tido como construção do homem e não como algo dado; é o seu cotidiano. Nesta abordagem a representação (do espaço) é fundamental.

Outra referência importante é SOJA (1993). Neste trabalho, o geógrafo norte-americano Edward Soja enfatiza o abandono da categoria espaço e a força que teve o historicismo para as ciências modernas. Sua contribuição vai justamente no sentido de discutir autores que tentaram fazer esse resgate da categoria espaço e contribuir para a formação de um método que seja materialista histórico e geográfico ao mesmo tempo, pois espaço e tempo seriam inseparáveis. Para isso Soja retoma Foucault, Berger, Mandel, Sartre, Heidegger, Lipietz e, sobretudo, Henri Lefévre. Sua contribuição vai no sentido de compreender a *dialética sócio-espacial* (com base em Gramsci) e a *espacialidade*, entendida como espaço socialmente produzido, ao mesmo tempo físico, mental e social (idéia já colocada por Lefévre). Para Soja, o ser humano já é em si espacial, onde distância e relação seriam os pares dialéticos do ser. O autor critica as abordagens que tratam da opacidade da espacialidade (como Bergson), calcadas no objetivismo e no materialismo (a exemplo dos naturalistas) e os que tratam da transparência da espacialidade (como Sack) e que se baseiam no subjetivismo e idealismo de Platão, Kant e Hegel.

Para CORRÊA (1982) o espaço geográfico é a morada do homem e abrange a superfície da Terra. O autor destaca Harvey, que mostra três abordagens do espaço (não excludentes): uma primeira abordagem do espaço é a do espaço absoluto. Seria o espaço em si, receptáculo. Tem base em Newton e Kant e influenciou geógrafos alemães (como Humboldt e Hettner), Hartshorne e La Blache; a segunda abordagem é a do espaço relativo. Seria a distância. Foi um conceito muito utilizado por outras ciências, pela Escola de Ecologia Humana de Chicago, pelos seguidores de von Thünen. A terceira é a abordagem do espaço relacional, na qual um objeto só existe em contato com

outros. Neste texto, Corrêa enfatiza que tais conceitos não são excludentes e que refletem diferentes valores de uso e valores de troca. O espaço é social e é inseparável do tempo. Os atores principais seriam os proprietários dos meios de produção e o Estado, que almejam a acumulação de capital e a reprodução da força de trabalho.

MOREIRA (1982) entende o espaço geográfico como estrutura de relações sob determinação do social; é a sociedade vista com sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho. É uma "totalidade estruturada de formas espaciais". O autor usa a metáfora da quadra esportiva polivalente para entender o espaço, onde o arranjo espacial representa as leis do jogo, o espaço seria a aparência e a sociedade a essência. Destaca-se a importância do conceito de formação econômico-social, que na opinião do autor abarca as classes dominantes e o modo de produção. O arranjo espacial é visto como "*expressão fenomênica do 'modo de socialização' da natureza e dos termos de sua configuração em formação econômico-social*" [itálico no original] e o espaço organizado socialmente é "formação sócio-espacial, que é a expressão fenomênica da complexa trama da formação econômico-social".

SANTOS (2002) faz uma síntese importante da história do pensamento geográfico para então contribuir de alguma forma com a renovação crítica da Geografia, com o conceito de espaço geográfico e suas categorias de análise. Nesta obra, o espaço geográfico é visto como "a matéria por excelência", a "segunda natureza" (com base em Marx) ou natureza humanizada ou artificial. É a relação homem/natureza ou homem/espaço mediatizada pelo trabalho e a produção de mercadorias (o espaço é também mercadoria). É a "acumulação desigual de tempos". O espaço deve ser analisado na forma de *sistemas espaço-temporais* e conta com categorias de análise: *formação sócio-espacial* (derivada do conceito marxista de formação social ou formação socioeconômica), com ênfase para a escala do

Estado-Nação (mediador entre o local e o global), *tempo espacial* ou *tempo empírico* (entendidos como processo), *totalidade* ("o espaço total de nossos dias") e *modo de produção*, ambas categorias marxistas. Além disso, não se deve esquecer das *rugosidades* do espaço, formas pretéritas que influenciam o presente e podem até condicionar o futuro. Além das influências marxistas, esta obra de Milton Santos também absorveu conceitos de filósofos como J. P. Sartre (como o "prático-inerte", as reflexões sobre o Ser e a existência), Henri Lefébvre (quando Santos fala em "produção do espaço" e "espaço social") e Whitehead (no tocante à filosofia da ciência).

SANTOS (1999) ressalta o conteúdo técnico do espaço, a intencionalidade presente nos objetos técnicos. Os objetos são ao mesmo tempo técnicos, humanos e sistêmicos. O espaço é conceituado de três formas: "fixos e fluxos" ("Por uma Geografia Nova" de 1978), "configuração territorial mais relações sociais" ("Metamorfoses do Espaço Habitado" de 1988) e "sistemas de objetos e sistema de ações" ("Natureza do Espaço" de 1996). Milton Santos muda o enfoque de abordagem do espaço geográfico do Estado e do território para os lugares. O espaço geográfico para Milton Santos é a *forma-conteúdo* de base sartreana, onde as formas não existem por si só, mas são dotadas de conteúdo, de significado através da ação humana em relação ao seu entorno. O espaço é o império da técnica, dos tempos diferenciais, rápidos para uns e lentos para outros. O espaço geográfico também é o cotidiano, o "espaço banal" de todos nós, carregado de símbolos e significações. Milton Santos tenta fazer uma síntese das análises anteriores.

Há uma relação entre as posições teóricas de Milton Santos e de Sônia Barrios. BARRIOS (1986) entende o espaço geográfico como unidade das práticas espaciais, é a base material, física modificada pela ação humana. É o tempo materializado. O espaço geográfico é resultado da produção humana. Tal produção abarca pelo menos três níveis: econômico, cultural-simbólico e político. O nível econômico é o reino da

produção de bens e serviços, do valor agregado ao trabalho humano. O nível cultural-simbólico é aquele da relação entre os seres humanos, dos significados e representações. O nível político é aquele dos interesses dos grupos sociais através das relações de poder, relações estas muitas vezes conflituosas. Esta visão de espaço material modificado pelo homem também está presente em RAFFESTIN (1993), segundo o qual a apropriação do espaço (material) dá origem ao território.

Por fim, e não menos importante, destacamos a contribuição do filósofo francês Henri Lefébvre, um pensador muito utilizado, mas pouco citado, que influenciou diversos geógrafos no Brasil e no exterior (entre nós citamos Roberto Lobato Corrêa e Milton Santos). LEFÉBVRE (1976, 1991) empreende um marxismo enriquecido e entende o espaço geográfico como produção da sociedade, fruto da reprodução das relações sociais de produção em sua totalidade. Antes de chegar a esta conclusão, o autor trabalha uma filosofia do espaço e destaca ao menos quatro abordagens do conceito de espaço: a) espaço como forma pura (existente por si só), ligado a Platão, Aristóteles, Kant e aos matemáticos; b) espaço (social) como produto da sociedade. É a visão empirista de Durkheim e La Blache; c) espaço **como instrumento político e ideológico**, locus da reprodução do trabalho pelo consumo, sobretudo na cidade. É a visão de Manuel Castells; d) espaço socialmente produzido, apropriado e transformado pela sociedade. É a posição de Lefébvre. Dentro da análise do espaço social, Lefébvre destaca ainda uma tríade do espaço: a) *espaço percebido*, do corpo e da experiência corpórea, ligado às *práticas espaciais* (produção e reprodução social numa relação dialética com o espaço); b) *espaço concebido* ou espaço do poder dominante e da ideologia. Está relacionado com as *representações do espaço*, ou seja, o espaço dominante do modo de produção, o espaço dos planejadores e do poder; c) *espaço vivido*. Une experiência e cultura, corpo e imaginário de cada um de nós. É o *espaço de representação*.

A interação dialética entre esta tríade espacial é o que conforma a produção social do espaço. Esta dialética produz novas relações e resgata outras e fornece o germe para a resistência social dos "usuários" do espaço. É o que Lefébvre chama de *espaço diferencial*. Este espaço diferencial representa a possibilidade de um espaço passível de apropriação entre o valor de uso e o valor de troca. É a possibilidade de ruptura do silêncio dos usuários do espaço frente aos agentes dominantes e é também uma forma de repensar a propriedade privada privilegiando o valor de uso.

Considerações Finais

O espaço geográfico é o contínuo resultado das relações sócio-espaciais. Tais relações são econômicas (relação sociedade-espaço mediatizada pelo trabalho), políticas (relação sociedade-Estado ou entre Estados-Nação) e simbólico-culturais (relação sociedade-espaço via linguagem e imaginário). A força motriz destas relações é a ação humana e suas práticas espaciais (LEFÉBVRE, 1991). Constantemente as relações sócio-espaciais são contraditórias, pois revelam diferentes projetos espaciais. No campo econômico, por exemplo, verificamos a exploração do homem pelo homem, dos detentores dos meios de produção e dos vendedores de força-de-trabalho. Na esfera

política observamos diversos conflitos pelo controle do espaço entre os diferentes Estados e internamente a cada Estado a luta dos excluídos. No âmbito simbólico-cultural encontramos diversas representações e vivências do espaço, prenches de ideologias diversas. Ao mesmo tempo a ação humana na Terra (material ou simbólica) e suas contradições possuem uma implicação espacial e temporal, pois denotam produção de espaço que varia no tempo. O espaço geográfico é reflexo e condição para as relações sociedade/espaço.

Como vimos em HARVEY (2001), SOJA (1993) e SANTOS (1999, 2002), o espaço geográfico não pode ser separado do tempo e é simultaneamente físico, mental e social, ou como afirmou CORRÊA (1982) baseado em Harvey, o espaço é absoluto, relativo e relacional. O espaço geográfico é de todos, é o "espaço banal" (SANTOS, 1999), é também o espaço até daqueles que não acreditam nele.

Apesar das lutas e contradições, mesmo assim o espaço geográfico ainda se apresenta de forma a mostrar a beleza do humano em relação com o espaço. Afinal de contas, como afirmou MONBEIG (1957), a Geografia é uma das formas do humanismo moderno e segundo DEFFONTAINES (1952), o estudo da Geografia e do espaço geográfico implica também em uma moral de fraternidade e de esperança para com o planeta Terra.

Notas

¹ WOOLDRIDGE & GORDON EAST (1967, p. 13) mostram que a idéia do objeto da Geografia ser a "superfície da Terra" é recorrente na literatura geográfica, até mesmo na definição de Geografia do *Concise Oxford Dictionary*: "Ciência da superfície da Terra, sua forma, aspecto físico, divisões políticas, clima, produções, população, etc." Os autores citam a definição do geógrafo Kraft: "As pedras, as plantas, os animais e o homem, em si mesmo objetos de suas próprias ciências, constituem objeto da Geografia na medida em que tiverem importância para a natureza da superfície da Terra ou dela forem características" (WOOLDRIDGE & GORDON EAST, 1967, p. 27) [grifo nosso]. Igualmente citam a

definição de Sauer e Leighly: "A Geografia jamais foi a ciência do homem, mas a ciência da 'terra', da superfície da Terra" (WOOLDRIDGE & GORDON EAST, 1967, p. 28). Igualmente os referidos autores mostram que a idéia de "conjunto da Terra" já estava presente em C. Ritter.

² Segundo SANTOS (2002, p. 36) e WOOLDRIDGE & GORDON EAST (1967, p. 26), Hettner divide a realidade em um espaço tridimensional: 1) relações entre coisas semelhantes (ciências sistemáticas, como a Botânica); 2) desenvolvimento que se processa no tempo (ciências cronológicas, como a História); 3) arranjo e divisão das coisas no espaço (ciências corológicas, a exemplo da Geografia).

Bibliografia

- BARRIOS, Sônia. A produção do espaço. *In: SANTOS, Milton & SOUZA, Maria Adélia (Orgs.). A construção do espaço.* São Paulo: Nobel, 1986.
- BRUNHES, Jean. Geografia Humana. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, s/d. [1910]
- CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis: UFSC, 1999. [1995]
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço geográfico: algumas considerações. *In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira.* São Paulo: Hucitec, 1982.
- DEFFONTAINES, Pierre. Geografia Humana do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1952.
- DEMANGEON, Albert. Uma definição da Geografia Humana. *In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difel, 1982. [1952]
- GEORGE, Pierre. A ação do homem. São Paulo: Difel, s/d. [1968]
- HARTSHORNE, Richard. Propósitos e natureza da Geografia. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1978.
- HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2001. [1989]
- LEFEBVRE, Henri. Espacio y Política. Barcelona: Peninsula, 1976. [1970]
- _____. The production of space. UK/USA: Blackwell, 1991. [1974]
- MONBEIG, Pierre. Novos estudos de Geografia Humana Brasileira. São Paulo: Difel, 1957.
- MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. *In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira.* São Paulo: Hucitec, 1982.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. [1996]
- _____. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EdUSP, 2002. [1978]
- SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SORRE, Max. El hombre en la Tierra. Barcelona: Labor, 1967. [1961]
- TUAN, Y-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980. [1974]
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. As características próprias da Geografia. *In: CHRISTOFOLETTI, Antonio Antonio (Org.). Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difel, 1982. [1913]
- _____. Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Cosmos, s/d. [1921]
- WOOLDRIDGE, S. W. & GORDON EAST, W. Espírito e Propósitos da Geografia. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. [1958]

Trabalho enviado em fevereiro de 2007

Trabalho aceito em julho de 2007